



Economia

**LICÍNIO PINA
PRES. CRÉDITO AGRÍCOLA**

‘Cautelar *light* evitaria derrapagens’

João Madeira
joao.madeira@sol.pt

Presidente do Crédito Agrícola antecipa bons resultados da banca nos testes de *stress* que o BCE vai fazer. A recuperação económica «já é visível», mas a agricultura devia representar 10% do PIB para a balança comercial ser sustentável.

Como correu o ano passado?

Globalmente foi um ano positivo, em que já se notou uma recuperação económica. Tivemos alguma queda no resultado do exercício, mas que se justifica pela reavaliação de activos solicitada pelo regulador e pelas imparidades provocadas pela situação económica do país: algumas empresas estão com dificuldades no seu negócio.

O crédito malparado cresceu?

Sim, mas está a atingir o patamar máximo e encaro o futuro com optimismo. A nossa carteira de crédito malparado é penalizada por não termos grandes empresas com volumes enormes de crédito – um fornecedor de energia em Portugal, por exemplo, é uma empresa que em princípio não dará problemas. Como o Crédito Agrícola (CA) tem muito retalho – comércio local, PME, empresários em nome individual e particulares – não nos é possível diminuir o malparado por essa via. Mas, havendo mais dinâmica económica e mais consumo, o incumprimento vai abrandar.

Quais as perspectivas para 2014?

Projectamos um crescimento do crédito, embora ainda moderado. Vamos pôr em marcha uma grande campanha de concessão de crédito e transferir para a economia os excedentes de liquidez que temos. As nossas caixas são moto-

res do desenvolvimento local e regional. Se houver mais financiamento às empresas locais, a economia dinamiza. E queremos crescer em toda a amplitude dos negócios: nos resultados, nos depósitos e na área seguradora.

Como encara os testes de *stress* que se aproximam?

Com bastante tranquilidade. O grupo está bem capitalizado, não teve qualquer apoio público e não recorreu a nenhuma linha de financiamento. Ao longo do período de ajustamento tivemos várias avaliações da *troika*, mas a partir da 5.ª avaliação deixámos de ser chamados porque os indicadores que apresentamos são saudáveis.

E a banca como um todo?

Preocupam-me os resultados bastante negativos de alguns bancos, o que é compreensível face à situação económica e ao ajustamento a que foram obrigados, mas estou confiante nos testes de *stress*. Os bancos estão bem geridos, por pessoas de grande responsabilidade e competência. Não posso falar muito pelos outros, mas antecipo que este ano possa ser melhor do que 2013 para os bancos em geral.

Há quem defenda que os testes de *stress* podem levar a fusões ou aquisições. Concorda?

Não ficaria surpreendido se houvesse mais concentração. A união bancária vai trazer a su-

Sector agrícola em debate

O Crédito Agrícola vai organizar um ciclo de seminários sobre as oportunidades no sector primário. Os encontros arrancam a 12 de Março, na Maia, e vão decorrer um pouco por todo o país, nos próximos meses. Alcobaça, Seia e Vila do Conde vão receber eventos em Abril, ao passo que Ponta Delgada, Vila Real, Albufeira e Santiago do Cacém têm a sua vez em Maio. Os seminários servirão para mostrar as ofertas do banco e os apoios comunitários que os agricultores têm ao abrigo da Agenda 2020. «O Crédito Agrícola está no sector há mais de 100 anos e queremos dizer às pessoas que temos liquidez para financiar os seus projectos», diz ao SOL Licínio Pina. O banco também vai atribuir um prémio de inovação para novos projectos. J.M.



JOSE SÉRGIO

pervisão do BCE aos cinco maiores bancos e traz consigo maiores exigências de regulação. E cumprir essas obrigações tem custos, que exigem alguma dimensão crítica.

Num cenário de aquisições, que papel poderia ter o CA?

Na nossa história nunca houve crescimento por aquisição – e no regime actual isso nem sequer é possível. O CA é o único banco cooperativo português e teremos sempre o nosso espaço.

A forma de saída do programa da *troika* tem sido muito debatida. Que solução prefere: um cauteloso ou uma saída limpa?

Prefiro uma saída com uma rede de apoio. Não devemos ter pressa em sair do programa sem um apoio *light*, para que se mantenha a contenção de custos públicos e se evitem derrapagens. Por vezes, as pessoas vão para a política, deslumbram-se com as questões eleitorais e prejudicam o país sem intenção. É necessário alguém que olhe para as questões de uma forma diferente e que proteja o cidadão.

A recuperação económica do país já é sustentada?

A recuperação já é visível. Há mais procura de crédito e de activos imobiliários, importantíssimos para quem gere um banco,

que indiciam crescimento económico. Se não existisse confiança as pessoas não investiam.

Há alguma transformação estrutural nos projectos empresariais que têm recebido?

Notamos que há dinâmica no sector primário, com novos investimentos e inovação, novos empresários, novas capacidades, produtos com valor acrescentado. Isso é mais visível no sector florestal, no azeite, no vinho e nas hortícolas.

Durante décadas o sector agrícola foi maltratado em termos de políticas públicas e de concessão de crédito. Há uma mudança?

Portugal foi uma vítima da política agrícola comum, que premiou quem não produzisse para travar os excedentes de produção. O país foi levado a uma subsidio-dependência e a importar produtos, mas penso que está a haver uma inversão. Há uma nova política deste Ministério da Agricultura, chamando novas pessoas. Os filhos dos agricultores, que estudaram, estão a regressar para pegar na terra dos pais. O país tem sido dinâmico e nós precisamos de aumentar as exportações, precisamos que a população seja alimentada com produtos portugueses. A agricultura representa 2% do PIB e qualquer valor inferior a 10% parece-me pouco.